

29951

TRANSMISSÃO VERTICAL DO HIV-1 EM CRIANÇAS RESIDENTES EM PORTO ALEGRE E FATORES ASSOCIADOS IDENTIFICADOS ATRAVÉS DA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA APRIMORADA

Sara Ariana Machado Boff Sberze Sengik, Eva Neri Rubim Pedro, Nair Regina Ritter Ribeiro, Helena Issi, Aline Cammarano Ribeiro, Manuela Caroline da Silva, Paula Manoela Batista Poletto, Aline Goulart Krueel, Aramita Prates Greff, Neiva Isabel Raffo Wachholz. **Orientador:** Maria da Graça Corso da Motta

INTRODUÇÃO: Apresenta-se um recorte do estudo intitulado “Transmissão vertical do HIV-1 em crianças residentes em Porto Alegre e fatores associados identificados através da vigilância epidemiológica aprimorada”. Financiado pelo Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais e UNODC. **OBJETIVO:** Estimar a taxa de transmissão vertical do HIV-1 em crianças residentes em Porto Alegre, no período de maio de 2009 a maio de 2010 e detectar fatores associados. **MÉTODO:** Estudo com abordagem quantitativa e qualitativa caracterizado por coorte prospectivo. Nos critérios de inclusão constavam todos os recém-nascidos vivos expostos ao HIV no período perinatal, com nascimento nas maternidades localizadas em Porto Alegre/RS e cuja mãe residisse neste Município. O campo de pesquisa constituiu-se por onze maternidades de Porto Alegre, das quais nove emitiram o parecer de aprovação para a realização do estudo. 125 puérperas aceitaram participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto obteve aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP sob número 14579 e pelos Comitês de Ética em Pesquisa das instituições campo de pesquisa, obedecendo a Resolução número 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. **RESULTADOS:** Porto Alegre apresenta, em média, 450 casos de gestantes soropositivas por ano e foi constatado que, das 125 crianças expostas à transmissão vertical do HIV-1, 4 crianças (3,2%) foram consideradas soropositivas para o HIV. Dentre alguns fatores associados que contribuíram positivamente, encontram-se: a realização do pré-natal observada em 113 mulheres (90,4%); a profilaxia com antirretrovirais (ARV) aderida por 105 mulheres (84,0%); o início da profilaxia com ARV na criança, na qual em 121 crianças (96,8%) foi iniciada nas primeiras 24 horas de vida; e o aleitamento materno, em que 91 mulheres (72,8%) não amamentaram. Dentre os fatores que contribuíram negativamente, estão: a baixa escolaridade, na qual verificou-se que 74 mulheres (59,2%) tinham no máximo 7 anos de estudos concluídos; o uso de drogas, em que 61 mulheres (48,8%) utilizaram um ou mais tipos de drogas e a presença em 14 mulheres (11,2%) de VDRL reagente no parto. **CONCLUSÕES:** A taxa de transmissão vertical encontrada no estudo (3,2%) foi considerada alta, tendo em vista o alto grau de eficácia da profilaxia disponível, que diminui este risco em mais de 1%. Esteve relacionada à transmissão vertical do HIV e com mães com VDRL positivo no parto a escolaridade baixa e o consumo de droga pela gestante, com maiores prevalências destes agravos entre mulheres com escolaridade até 7 anos de estudo e que consumiram algum tipo de droga. A adequada realização do pré-natal - em tempo hábil para realizar a profilaxia com ARV - também influenciou no desfecho das crianças infectadas com HIV, visto que em todas as mães cujas crianças foram infectadas, o início da profilaxia com ARV foi tardio - após a 34ª semana de gestação ou não foi realizado.